

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Comunicação Social
Curso de Jornalismo
Projeto de Conclusão

RELATÓRIO DO PROJETO DE CONCLUSÃO

"Minha Criança é especial"

Aluno: Ilka M. Goldschmidt
Orientador: Eduardo Meditsch

INTRODUÇÃO

Quando resolvi que meu projeto seria um vídeo para pais de deficientes mentais, algumas pessoas me aconselharam a escolher outro tema mais interessante, que não fosse tão "chato". Mas um assunto que pode parecer cansativo e comum para as pessoas que são apenas expectadoras do problema, para os pais de deficientes mentais, que diariamente vivem com o problema, a informação e a reciprocidade de sentimentos significa muito.

No Brasil não existe muita coisa destinada a pais de excepcionais, a não ser alguns livros escritos por próprios pais que relatam a sua experiência, e por profissionais da área. Falei com várias pessoas envolvidas com o trabalho de instituições, escolas e clínicas que atendem deficientes mentais, e a idéia do vídeo foi muito bem aceita por todos. Procurei saber junto a profissionais de Florianópolis, Porto Alegre, São Paulo e Belo Horizonte, se já havia algum trabalho em vídeo dirigido exclusivamente à pais, e segundo eles não existe nada neste sentido. Tudo isso me incentivou ainda mais a produzir o vídeo, mesmo por que não pretendia fazer um trabalho que ficasse mofando nas prateleiras do curso, e sim que fosse de utilidade. O meu objetivo não é simplesmente apresentar o projeto de conclusão para acabar o curso e ganhar o diploma. Só vou me sentir realizada no momento em que o vídeo estiver à disposição dos pais de deficientes mentais, e quando a reação destes responder às minhas expectativas.

PRÉ-GRAVAÇÃO

O trabalho e o envolvimento no projeto começaram bem antes das gravações. Eu sabia que para fazer um vídeo sobre deficiência mental, teria de certa forma que me envolver e me integrar no assunto. Por isso procurei a psicóloga Vera Hoffman para me auxiliar na bibliografia. Vera já havia trabalhado na Apae de São Paulo, onde realizara muitos trabalhos com pais, e por isso entendeu exatamente o que eu pretendia fazer. Com a leitura dos livros escritos por pais, comecei a perceber que a grande dificuldade deles, é a falta de informação, de apoio, de orientação e principalmente a necessidade de saber o que sentem outros pais de excepcionais. Então, a partir disto comecei a estruturar o vídeo.

O segundo passo foi sair à campo a procura de pais e profissionais que se dispusessem a dar os depoimentos. Mas foi justamente aí que começaram a surgir as dificuldades, a maioria dos pais achava ótima a idéia, mas não queriam se expor. Alguns tinham vergonha de falar em frente a uma câmera, outros se sentiam constrangidos em falar do problema ou então não admitiam a deficiência do filho. Isso inclusive me fez perceber que o preconceito por muitas vezes parte da própria família. Mas enfim, encontrei quatro mães e um pai que ^{não} acharam o menor problema em falar, pelo contrário, acharam bom ter esta oportunidade. Tentei encontrar mais homens para equilibrar os depoimentos dos pais, mas ^{o pai} foi possível. Na realidade, a mãe tem mais facilidade e disposição em falar do problema por que geralmente convive e aceita mais o filho deficiente.

O trabalho com os profissionais foi mais fácil. Todos se dispuseram a falar e contribuir até onde fosse possível. Com a Apae surgiram alguns problemas no início. Algumas pessoas que trabalham na instituição, insistiam para que o vídeo fosse sobre a Apae, e dirigido à comunidade em geral. Depois de algumas divergências, elas resolveram aceitar a minha proposta e permitir as filmagens e entrevistas. Por mais de um mês frequentei a Apae quase que diariamente, para conhecer melhor as crianças, e também o trabalho da instituição. Nos primeiros dias, o meu relacionamento com os deficientes foi confuso. Mas depois me acostumei com eles, e eles comigo. Com essa experiência percebi que se os excepcionais convivessem com a sociedade, não ficassem isolados em instituições, o preconceito seria bem menor.

AS BRAVAÇÕES

Com as entrevistas marcadas há mais de um mês, e com horários para gravação, achei que não ia encontrar dificuldades para filmar. Mas aí é que eu me enganei. Além do problema com a falta de funcionários no laboratório (só havia o Ricardo para editar, gravar e carregar o equipamento pela manhã), a Universidade nunca tinha carro disponível, por isso perdi mais de uma hora de gravação por manhã. Quando conseguia transporte, era sempre com atraso. O que também prejudicou as gravações, foi ^a falta de direção de imagens. Como eu estava envolvida com as entrevistas, não pude acompanhar integralmente as filmagens. E a direção e produção de imagens é essencial para a edição.

A EDIÇÃO

Desde o início, quando comecei a pensar no vídeo, tinha certeza de que não usaria off narrativo, para não correr o risco de produzir um documentário, em vez de um vídeo educativo. Depois, quem melhor para falar dos sentimentos e das dificuldades do que os próprios pais de deficientes, e quem melhor do que os profissionais e outras pessoas que convivem com excepcionais, para orientar e esclarecer sobre o problema. A narração iria interferir e soar falso, já que o vídeo é destinado àqueles que vivem o problema e sabem melhor do que ninguém o que sentem. A credibilidade do vídeo está justamente no depoimento dos pais e dos profissionais.

Quando comecei a editar, a estrutura do vídeo estava clara para mim. Só que de repente começaram a surgir as dificuldades. Como costurar os depoimentos sem tornar o vídeo cansativo. Os depoimentos em si tinham seqüência e a montagem deles não era difícil, o problemático eram os cortes secos. Então, para não fugir da proposta inicial, resolvi usar o off, só que em forma de depoimento. Uma voz de um pai, que também em forma de depoimento faria a costura. Mas aí surgiu outra dificuldade: encontrar alguém que soubesse interpretar com emoção, sentimento, sem ser sensacionalista ou piegas, e também tinha de ser uma voz boa, mas não de locutor. E quando eu já estava desistindo da idéia, um estalo me fez lembrar do Ademar Vargas. Resultado: ele conseguia fazer exatamente o que eu queria.

Com o problema do off resolvido, reconheci a edição. O cuidado maior era em deixar o vídeo realista sem torná-lo sensacionalista. A deficiência mental é um assunto triste, e

que geralmente faz as pessoas se emocionarem. Mas o objetivo do vídeo é justamente o contrário. O vídeo pretende mostrar aos pais que o desespero e a rejeição inicial são normais, o que não se pode é ficar o resto da vida lamentando o problema. É preciso lutar contra as dificuldades, procurar pessoas que possam ajudar nesta batalha, e até onde for possível tornar o filho independente. É isso que os depoimentos que estão no vídeo pretendem: mostrar a realidade de uma maneira mais positiva e estimulante. No total são 23 depoimentos, e a duração total do vídeo é de 24"09".

SONORIZAÇÃO

Foi difícil. Encontrar uma música que transmitisse emoção sem ser triste, e que também não interferísse nos depoimentos. Tinha também de ser uma música uniforme, mas que não tornasse o vídeo chato. Depois de muita procura, surgiu Egberto Gismonti, com um piano suave que toca fundo, sem ser triste. No final, Wagner Tiso para mostrar ^{que} não existe tristeza quando se quer ser feliz.